

COCHÓ DO PÉGA

LOY DO COCHÓ

Aloyzo de Souza Rocha Filho

Curso de Comunicação Social — FAFICH

I — BOTÕES DOURADOS

O dia da MENTIRA amanhecera sombrio e assustado. É que, desde a véspera a aldeia vinha sendo sacudida pelo barulho de uma manada de nuvens que, em algazarra, vinham se enrolando umas nas outras, fazendo um barulhão medonho como se um milhão de tambores estivessem soando, apenas com breves segundos de pausa, quando tudo voltava e todas as pessoas ficavam ensurdecidas. Ensurdecidas e estranhamente tristes.

Eram oito horas da manhã mais escura quando Pedro Madalena vinha descendo a ladeira da Boa Vista, cantando suas canções que deliciavam as pessoas do Cochó do Péga. Os versos correndo, LIVRES...

«...eu vomitei num hotel suíço,

Foi um serviço de envergonhar...»

Todos seguiam o velho cantor-poeta pelas suas imaginárias viagens-aventuras, quando uma barulheira infernal irrompeu rasgando a pele das pessoas, suas casas, seus sonhos, seus amores, suas VIDAS!!!

Atrás disso tudo vinha uma fila imensa de carros, pessoas e tanques de guerra esmagando a tudo e todos que, levados pela curiosidade do repouso violado, ousavam ficar em seu caminho.

No meio da caravana vinha um carro grande e preto que parou no meio da Praça da Feira; dele desceram três homens altos, fortes, de óculos escuros e pesados casacos de cores diferentes entre si. Os casacos eram cheios de cruzes, mais parecendo um cemitério, e botões dourados que cegavam quem os fixasse.

As ordens pegaram o povo desprevenido! As casas foram tomadas pelos de botões dourados e seus seguidores; as três melhores para os primeiros e as outras para os segundos. O povo? Ah, o povo!... Este ficou pelos arredores da aldeia, embaixo das árvores e pontes. Debaixo do céu!

Daquele dia em diante as pessoas do povo teriam que doar, mensalmente, meio litro de sangue para saciar a sede daqueles homens que estavam cada vez mais corados e sorridentes. Com o povo ocorria o inverso.

Os hábitos e costumes foram alterados quando, radicalmente, foram instituídas leis violentas. O boteco de Avelinim Usura, ponto de encontro dos homens de mais de quarenta anos e de quem gostasse de uma conversa morna, tranqüila, embaçada pela fumaça dos cigarros de palha e regada por uma ou outra dose de cachaça «ZÉ LOPES»... Aos poucos essas reuniões foram sendo esquecidas devido à impossibilidade de se conversar de olho na porta, com medo da «União dos Soldados Atentos» — USA — homens truculentos e armados, com ordens de castigar a quem infringisse a «Lei do Silêncio Absoluto» — LSA — conjunto de disposições e normas que proibiam que se falasse qualquer coisa que fugisse ao mínimo necessário mesmo entre marido e mulher, pai e filho, irmão e irmã.

O que é de se estranhar é o fato de que as fazendas e os depósitos de mamona, de café, de açúcar e a fábrica de vinho ficaram intocados. Era comum ver os seus proprietários, gordos e bonitos, andando de carro com os de botões dourados. As fazendas, depósitos e mesmo a fábrica de vinho de jurubeba, mandaram embora todos os seus empregados. Na semana seguinte, as ruas enfeitadas de papel crepom, carros coloridos e com altofalantes convocavam de volta todos os empregados demitidos. Zé Pintado foi lá e voltou triste e de cabeça baixa. Deu um trabalho pra Caboclinha arrancar dele alguma coisa: «Deca me

chamou lá na fábrica e falou que se eu quisesse podia voltar, mas que só ia dar pra me pagar vinte contos! O diabo é que eu ganhava vinte e cinco e já dava na marra, imagine o que é que nós vamos fazer agora que tá tudo «pela hora da morte» e eu ganhando vinte contos!... O jeito é mandar Ermita e Zira trabalhar nas casas-de-família. Eu só não quero é que elas «caiam na vida» e fiquem por aí bebendo e sofrendo como cachorro!»

As mudanças atingiam a tudo! Quem não se lembra das partidas de futebol entre a Rua de Baixo e Rua de Cima? Jogava-se com bola de meia, bexiga de boi e tudo que pudesse servir de bola. Era um delírio!!! Com o tempo mudado os times ganharam camisas, chuteiras, bolas de couro e os jogadores passaram a ser considerados criaturas especiais, ganhando dinheiro, homenagens e reportagens nos jornais que restaram da estranha «epidemia» de incêndios que assolou o Cochó do Péga.

Um dia chegaram uns homens altos, louros e de olhos azuis que, soube-se depois, eram os patrões dos de botões dourados. Desceram de um carro enorme e, engraçado, falavam de uma maneira estranha, tudo enrolado!!! Esses homens louros mandaram construir uma casa que, pronta de um dia para o outro, se destacava das demais. A casa mesmo ninguém da aldeia jamais viu e contou. Imaginava-se como seria, pois os muros que a cercavam eram muito altos e encimados por fios de alta tensão para rechaçar possíveis curiosos. Apenas um, Liu, tentou ver o que se passava atrás dos muros. Zequinha de Avelina e Nilton de Idalina apenas viram um clarão e aquele bolinho de carvão que caiu ao pé do muro. Correram apavorados e, quando voltaram para espiar, o vento já havia levado o carvão feito em cinzas para longe.

Ninguém entendia nada do que os homens louros falavam. Quando andavam iam pisando em quem ficava na frente e xingando com palavras enroladas que amedrontavam as pessoas. Mais de um sentiu seu peito rasgado por rajadas de metralhadoras, porque os olhou de frente.

Era proibido falar, cantar, ouvir, sentir, amar, pensar, falar, correr, sorrir, pensar, falar! Tudo era proibido, menos abaixar a cabeça e obedecer.

Já não se ouvia o canto de Pedro Madalena fazendo cócegas nos ouvidos... Os meninos já não brincavam de pegador nem jogavam bolinhas de gude.

O colégio agora tinha disciplinários, professores severos com suas palmatórias e castigos.

Um dia os homens louros mandaram jogar no rio um «preparado» que fez as pessoas sempre sorridentes, embora se pudesse ver em seus rostos pálidos e magros uma tristeza profunda. Mas, sorriam sempre e continuam a sorrir até hoje, mesmo sem motivo.

Foi assim que o acontecimento inesperado e funesto mudou o curso das vidas e coisas do Cochó do Péga, que hoje tem um nome esquisito: FEUDAL BENEFICE.

II — REVOLUÇÃO

Silêncio!!!

As palavras que eu gostaria de falar me escorrem pelo canto da boca, pelo nó da gravata, pelo colarinho asfixiante da camisa listrada, tomando de assalto as casas e os botões dourados que, surpresos, não puderam pedir socorro nem reagir contra a força da correnteza levantada.

Inútil qualquer reação!!!

Depois de escorrer-me pela garganta, pelo pescoço, desceu pela barriga deixando um oásis no lugar do umbigo, escapou pelas pernas, saiu pelos pés e ganhou o mundo. Saiu feito louca, soltando gritos roucos que rasgavam as gargantas e tocavam os corações que, de endurecidos, pareciam talhados em granito vermelho.

As gargantas queimavam de ardor, desacostumadas que estavam de falar. As amígdalas estavam atrofiadas pelo desuso; os ouvidos ensurdecidos pelo silêncio-gritante; os olhos já não conseguiam captar os movimentos, acostumados que estavam de olhar para o chão.

As gargantas ardiam como pimenta malagueta. Mesmo assim as pessoas falavam e gesticulavam. Tudo isso, visto de longe, mais parecia um longo exercício de mímica e de muito perto, parecia uma grande feira livre.

E outra vez o silêncio reinou...

Isso durou apenas um segundo, tempo necessário para que a correnteza invadissem as casas, os guarda-roupas, as camas douradas, os cofres recheados de nosso suor e sangue, os quintais, as cercas farpadas dos campos de concentração, os palácios de areia, as pessoas de barro e metal, enfim, tudo que estava estabelecido para impedir o seu surgimento.

De repente, um sussurro: «Acorda, filho! Enxugue os olhos e venha!!!»